

Noite candanga é campeã de música ao vivo

■ São 160 bares, boates, teatros e restaurantes onde mais de 1.200 artistas tentam sobreviver no mercado que hoje remunera mal

Josemar Gonçalves

OLÍMPIO CRUZ NETO

"Moramos na cidade, também o presidente/Todos vão fingindo viver decentemente/Só que eu não pretendo ser tão decadente/Não!!!" O petardo juvenil da Legião Urbana, em seus primeiros tempos, era a senha para uma juventude entediada com a capital sem praias, sem esquinas, mas com uma musicalidade perceptível em cada superquadra ou bar. Outrora sem espaço para seus músicos, Brasília hoje ostenta o status de ser a cidade brasileira com o maior número de estabelecimentos com música ao vivo do país. São 160 bares, boates, teatros e restaurantes abertos aos mais de 1200 artistas que vivem profissionalmente na noite candanga.

Se nos tempos em que Renato Russo disputava tomadas elétricas, no antigo Food's da 110/111 Sul, com a rapaziada do Fusão, do XXX e da Plebe Rude, para "fazer um som", a situação era difícil, o quadro hoje é mais animador, apesar das dificuldades.

"Não dá para viver só de música", diz Fernando Fontana, pianista há oito anos do Piantella Piano Bar, onde trabalha 5 horas por noite, de segunda à sábado, e, durante o dia, batalha como arranjador e compositor de trilhas e jingles na Audio Fidelity Music. "É uma pedreira", constata este músico formado em química.

Claro que as pedras nem sempre rolam para os músicos da cidade. O compositor e instrumentista Toninho Alves, do já legendário Liga Tripa, lembra que até recentemente tocar na noite dava cadeia. "Houve vezes em que a polícia invadiu bares e prendeu alguns artistas", recorda o músico, lembrando que nem mesmo os instrumentos escapavam do cárcere. "Prova cabal do hediondo crime de fazer um som", brinca.

Toninho nunca foi preso, mas

saiu correndo com sua flauta embaixo do braço algumas vezes. Na noite há oito anos, hoje toca música instrumental, dividindo seu tempo no Orvietto (na 306 Norte), na Escola de Música de Brasília e no serviço público federal.

Quase todos os artistas se ressentem, ainda, por nem sempre poderem apresentar seus próprios trabalhos. Os músicos reconhecem que nem todos podem ter os *spots* sobre a cabeça. Por isso, muitos acabam tendo que batalhar ininterruptamente. Cachê ou couvert, os instrumentistas e cantores reconhecem que paga-se mal. Daí porque não podem viver só da música.

Mínimo — Outro músico dividido entre o "mercado recessivo" da vida noturna de Brasília e os *jingles*, é o cantor e violonista Paulo Sérgio, o PC. Impressionado com a perda salarial dos músicos da cidade nos últimos seis anos, quando esteve fora do país, PC surpreende-se com o que se paga, atualmente, nos bares noturnos de Brasília.

"Há seis anos, ganhava-se 80% do salário mínimo por noite", afirma, antes de lamentar que agora os músicos mal conseguem 20%. PC toca todas as quartas e sextas-feiras no Lancelot, localizado na 310 Norte.

O presidente do Sindicato dos Músicos do Distrito Federal, Almir Lino Corrêa, também se mostra preocupado com a remuneração dos músicos da cidade. O piso salarial estabelecido pelo sindicato é de 21,5 URV, mas ele mesmo reconhece que muitos artistas, ávidos de conseguir espaço na noite candanga, tocam por qualquer quantia. "É lamentável, mas a categoria também precisa se conscientizar", afirma.

Diante das dificuldades inerentes à carreira a ser trilhada pelo candidato a *popstar*, eles não desistem de fazer da cidade uma música urbana.



Na falta de um palco e de remuneração profissional garantidos, os conjuntos se formam para o mercado alternativo de bares como o Woodstock